



O papel da gestão escolar na mediação do protagonismo e autonomia estudantil

Juliana Santiago Pereira

3

Percursos de uma pedagoga em formação

Por meio deste relato de experiência, busco tecer discussões acerca da importância da mediação da gestão escolar no desenvolvimento do protagonismo e autonomia dos estudantes. Tais reflexões surgiram a partir de uma experiência de estágio supervisionado em gestão e coordenação pedagógica realizado na Escola Estadual Professora Maria Queiroz. Essa instituição atende ao Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e também a todos os anos do Ensino Médio. Localizada no bairro de Felipe Camarão, periferia de Natal/RN, comporta crianças e jovens, majoritariamente, de baixa renda, oriundos da própria comunidade.

Durante essa experiência, foi desenvolvido o projeto de colaboração na biblioteca da escola, no qual participaram alunos de uma turma do 8º ano, com idade entre 15 e 17 anos.

Este projeto, que almejava uma maior visibilidade e utilização da biblioteca da escola pelos seus alunos, também teve como um dos principais objetivos possibilitar o protagonismo e autonomia dos estudantes nesse processo. Este tema é de grande relevância, considerando que na contemporaneidade ainda é muito comum que escolas reproduzam um modelo de ensino hierárquico onde professores querem transmitir conhecimento sem se importar com a real participação de alunos, permitindo-lhes apenas uma postura passiva de ouvir o que está sendo ensinado. Porém, é importante que os estudantes possam ser ouvidos, que sejam seres protagonistas no seu processo de aprendizagem e que assim, possam

exercer sua cidadania de maneira crítica e participativa.

Sempre defendo o protagonismo dos alunos em seu processo de aprendizagem, e também me posiciono contra os estereótipos negativos atribuídos aos jovens, que foi público alvo desta contribuição. Portanto, quis somar a isto, um trabalho realizado na biblioteca da escola pela seguinte motivação. Fui aluna desta instituição do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, motivo que também influenciou na escolha do local para meu estágio. Portanto, algo que me incomodava desde a época de estudante deste espaço era o pouco acesso e visibilidade da biblioteca da escola. Tínhamos acesso à biblioteca apenas quando algum professor nos levava já no intuito de realizar alguma atividade escolar específica. Quando queríamos realizar empréstimo de livros literários, para leitura pelo prazer de ler, íamos a uma biblioteca comunitária que ficava próxima à escola. Porém, não tínhamos um livre acesso e muito menos éramos motivados a usar a biblioteca da escola para este mesmo fim.

Tendo em vista essas questões, quis realizar em meu estágio um trabalho que possibilitasse a reflexão sobre o uso deste espaço, obtendo isso através da garantia do protagonismo estudantil. Além de garantir o protagonismo desses jovens na realização deste projeto, quis também fazê-los refletir que eles, junto à gestão e toda a comunidade escolar, possuem o poder de discernir e buscar melhorias para a escola.

As mediações pedagógicas na construção desta atividade

Durante a construção deste projeto eu conduzi a mediação para incentivar que os estudantes desta turma escolhida realizassem leituras de livros escolhidos por eles mesmos da biblioteca da escola, produzissem cartazes sobre o que foi lido e, ao final participassem de uma roda de conversa onde eles puderam ter protagonismo e autonomia para expressar sobre o que eles desejavam para a biblioteca da escola. Foi proposto que suas falas fossem registradas em um cartaz coletivo produzido por eles e dedicado aos professores e à gestão escolar. Com isto, os alunos tiveram espaço para expressar seus pensamentos e desejos para o ambiente da biblioteca escolar.

Este projeto não foi uma proposta imposta e inflexível na qual os estudantes apenas leriam livros indicados a fim de produzir algo estabelecido apenas pelo professor. Pelo contrário, os adolescentes tiveram liberdade para escolher dentro da biblioteca o gênero literário e o conteúdo que queriam ler, tiveram a possibilidade de expressar sua criatividade escolhendo a forma como construir os cartazes sobre o que leram e, principalmente, participaram de forma ativa e protagonista, tendo suas opiniões e interesses considerados para a construção de uma possível melhoria no meio escolar.

A escola e o protagonismo do aluno

Em relação à construção da autonomia e protagonismo do indivíduo, a escola possui

papel fundamental. Além disso, tendo em vista o que diz Barbosa, “Nossos jovens são muito mais capazes do que imaginamos, ou até mesmo, vão muito mais além dos estereótipos, arquétipos, rótulos e preconceitos que infelizmente em muitíssimos casos a eles atribuímos, de forma leviana e inconsequente.” (BARBOSA, 2018, P. 32-33). A escola, além de favorecer a autonomia dos alunos, precisa acreditar neles, fazendo dessa forma com que eles também acreditem em seu próprio potencial para isto. Se a escola possui uma visão marginalizada de seus alunos, um ensino hierárquico e conteudista, no qual os alunos apenas copiam do quadro, ouvem o que o professor passa e não é motivado a expor sua criatividade e criticidade, e ainda tem sua cultura reprimida, ela não favorece para que esses estudantes se percebam como protagonista de seu aprendizado.

A educação não é papel apenas de professoras e professores, mas de toda a comunidade escolar

E o que a gestão escolar tem a ver com a construção da autonomia e protagonismo dos alunos? Não seria esse apenas papel do professor? Muitos podem ainda pensar dessa maneira, entretanto, o trabalho pedagógico de uma escola não deve ser algo fragmentado, mas algo realizado de forma coletiva. “Trabalhando em parceria, os gestores escolares se tornam mais capazes de articular o grupo de professores, para que esse grupo e cada um dos professores se mobilize e se comprometa com a melhoria

do trabalho pedagógico da escola” (PLACCO; SOUZA, 2012, p. 26). Dito isto, percebe-se que o ensino em uma escola não deve ser algo fragmentado e hierarquizado onde cada professor realiza seu trabalho por si só. Com isto, a gestão escolar precisa fazer a mediação para que a escola possa coletivamente alcançar os melhores resultados, tendo em vista o cumprimento de sua função social. Enfatizando esse papel, considerando a gestão democrática, podemos então compreender que:

O princípio da gestão democrática inclui a participação ativa de todos os professores e da comunidade escolar como um todo, de forma a garantir qualidade para todos os alunos. O processo de gestão deve coordenar a dinâmica do sistema de ensino como um todo e de coordenação nas escolas em específico. (OLIVEIRA; VASQUES-MENEZES, 2018, P. 5)

Ainda sobre o que diz respeito à função da gestão escolar, uma boa gestão, além de cumprir suas demandas administrativas e financeiras, precisa estar inserida e atenta às necessidades pedagógicas e sociais de sua comunidade. É preciso que ela acredite na educação como caminho para superar tais necessidades, de forma com que os estudantes tenham a possibilidade de possuir um papel participativo e ativo neste processo. Pois, “o corpo docente, instigado a enfrentar esses desafios, reivindica o auxílio de outros profissionais [...]” (SILVA, 2012, p. 52). Sendo fundamental para isso, que o gestor aja de maneira orientadora, articuladora e coletiva com o corpo docente, possibilitando e motivando para que os professores atuem também com este objetivo. Possuir boa fundamentação teórica, promover e participar de formação continuada, e

estar disposto a se adaptar às mudanças sociais, também é algo de extrema importância para gerir um trabalho pedagógico de qualidade. Destacando também a elaboração do projeto político-pedagógico, é necessário que seja considerado a realidade em que a comunidade escolar está inserida, quem são os alunos e qual tipo de cidadão a escola pretende formar, valorizar sua cultura, tendo em vista o melhor desenvolvimento de aprendizado possível, sempre tendo como um dos principais objetivos o protagonismo de seus alunos. Sendo assim, Silva (2012) enfatiza sobre isto que, “nesse sentido, o professor-coordenador ou coordenador-pedagógico é aquele que durante o ano articula a equipe pedagógica em torno do melhor cumprimento do que foi estabelecido no projeto político-pedagógico [...]” (SILVA, 2012, P. 58).

Implicações que levo como contribuição para a minha formação docente e que busquei dividir com o local que me possibilitou essas experiências

Durante essa experiência do estágio, os estudantes que participaram tiveram a oportunidade de perceber que também possuem papel importante no que diz respeito a reivindicar melhorias no ambiente escolar, podendo isso ser refletido na forma e criticidade como agem no meio social. Isso também contribui para a autoestima do aluno, pois o faz participativo em seu processo de aprendizagem e possibilita o acolhimento aos seus posicionamentos que muitas vezes são silenciados.

Pude perceber que inicialmente os ado-

lescentes tiveram dificuldades em expressar autonomia e protagonismo, ficando também um pouco dispersos. Isso me desafiou a pensar em estratégias para chamar a atenção dos alunos, tornando o projeto atrativo e significativo para eles. Com isto, consegui ao decorrer do momento fazer com que eles passassem a se envolver com o projeto tendo segurança em participar e se posicionar. Outro desafio foi o fato de que a maioria dos professores trabalham em outras escolas e isso dificulta uma interação mais intensa entre a comunidade escolar. Entretanto, isso não é culpa deles, mas da precarização da profissão.

Por fim, algo que me chamou atenção foi observar que os alunos não eram motivados ao acesso à leitura por todos os professores e não tinham acesso frequente à biblioteca, mas, ao contrário do que muitas pessoas imaginam, ao terem o acesso, os jovens gostaram sim de ler, ficaram empolgados escolhendo os livros. Portanto, toda a comunidade escolar precisa se autoavaliar sobre o cumprimento de seu papel no que diz respeito à uma educação onde o aluno tenha papel ativo e não apenas de silenciar e receber informações. Muito menos duvidando da sua capacidade intelectual. É necessário que a gestão e o corpo docente estejam comprometidos com o objetivo de educar para a sociedade.

4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Paulo Rodolfo. A escola no protagonismo estudantil: o olhar transformador do aluno. **Revista Educação em Foco**, Minas Gerais, v. 6, n. 11, p. 26-38, 2018.

OLIVEIRA, Ivana Campos; VASQUES-MENEZES, Ione. Revisão de literatura: o conceito de gestão escolar. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, n. 169, p. 876-900, 2018.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Desafios ao coordenador pedagógico no trabalho coletivo da escola: intervenção ou prevenção? In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. 5° ed. São Paulo: Loyola, cap. 2, 2012. p. 25-36.

SILVA, Moacyr da. O trabalho articulador do coordenador pedagógico: a integração curricular. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. 5° ed. São Paulo: Loyola, cap. 4, 2012. p. 52-60.